O LIVRO DIDÁTICO FRANCÊS E BRASILEIRO: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS NO ENSINO DE LEITURA

THE FRENCH AND BRAZILIAN TEXTBOOK: CONVERGENCES AND DIVERGENCES IN READING TEACHING

Andréia da Cunha Malheiros Santana[1]

Maria da Conceição Coelho Ferreira[2]

RESUMO: Este artigo analisa como a leitura é trabalhada em dois livros didáticos, um brasileiro e o outro francês. O artigo é fruto de uma pesquisa qualitativa - um estudo de caso (Yin, 2010). A fundamentação teórica articula diferentes campos do saber como a legislação educacional, o livro didático e o ensino de leitura. Como resultado, foi possível identificar semelhanças e diferenças nos dois materiais didáticos, ambos foram elaborados a partir da pedagogia das competências e estão articulados à legislação vigente de seus países. Como principais pontos de divergência, o livro didático francês trabalha a leitura a partir da literatura clássica e da filosofia humanista, muitos textos são trabalhados na íntegra e com inúmeras atividades propostas, majoritariamente oriundas de um ensino tradicional. O livro didático brasileiro não trabalha com a literatura clássica, prioriza textos de diferentes campos de atuação, a maioria dos textos é fragmento do original e oriunda da esfera cotidiana.
PALAVRAS-CHAVE: Livro didático; Leitura; Literatura; França; Brasil.

ABSTRACT: This article analyzes how reading is worked in two textbooks, one Brazilian and the other French. The article is the result of qualitative research - a case study (Yin, 2010). The theoretical foundation articulates different fields of knowledge such as educational legislation, textbook and reading teaching. As a result, it was possible to identify similarities and differences in the two didactic materials, both were elaborated from the pedagogy of the competences and are articulated to the current legislation of their countries. As main points of divergence, the French textbook works reading from classical literature and humanist philosophy, many texts are worked in full and with numerous proposed activities, mostly from a traditional teaching. The Brazilian textbook does not work with classical literature, prioritizes texts from different fields of action, most of the texts are fragments of the original and come from the everyday sphere.
KEYWORDS: Textbook; Reading; Literature; France; Brazil.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar dois livros didáticos destinados ao ensino da língua materna, um adotado no Brasil e o outro na França, partimos da premissa de que analisar um material didático é uma das maneiras de compreender como ocorre o ensino escolar uma

[1] Pós-Doutorado, em andamento, pela Universidade Lumière Lyon 2, UNIVLYON2, França. Pós-Doutorado pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Doutorado e Mestrado em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita (UNESP). Graduação em Pedagogia pela Faculdades de Pinhais (FAPI) e em Letras (UNESP). Professora adjunta na Universidade Estadual de Londrina (UEL), na qual atua diretamente na formação de professores, integrando projetos de ensino como a Residência Pedagógica e os Programas de Pós-Graduação ProfLetras e PPGEL, respondendo pela vice-coordenação deste. E-mail: andreiacunha@uel.br

[2] Doutorado em Etudes Portugaises et Brésiliennes pela Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3. Mestrado em DEA de Littérature Générale et Comparée - Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3. Graduação em Pedagogia pela Fundação de Ensino Superior de Passos; em Letras - Inglês pela Universidade Vale do Rio Doce; e Licence de Lettres Modernes - Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3. Professora universitária na Université Lumiere Lyon 2, LYON II, França. E-mail: maria.da.conceicao.coelho-ferreira@univ-lyon2.fr

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 148-167, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.148-167

vez que ele coloca o currículo em prática: "qui veut réfléchir sur les acquisitions scolaires ne peut s'abstraire sans angélisme des conditions les plus « matérielles » de leur réalisation, en particulier celle des supports d'écriture[3]" (Chartier; Renard, 2000, p. 135), entre os materiais didáticos disponíveis para o ensino, um deles se destaca: o livro didático, por isso o escolhemos.

Este artigo é fruto de uma pesquisa qualitativa (Gil, 2012), mais especificamente um estudo de caso; a opção por esta metodologia ocorreu por ela ser "uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes". (Yin, 2010, p. 39) O estudo de caso tem um percurso flexível e permite utilizar diferentes técnicas para coletar os dados.

Para esta investigação foram escolhidos dois livros didáticos, a saber: Tecendo Linguagens- 6º ano, de Tania Amaral Oliveira e Lucy Aparecida Melo Araújo, publicado em 2018, pela editora IBEP e aprovado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2020 e Fleurs d'Encre- Cycle 3- 6e, de Chantal Bertagna e Françoise Carrier-Nayrolles, publicado em 2016, pela editora Hachette Éducation, ambos se destinam ao ensino da língua materna para estudantes da faixa etária de 11 anos.

O livro didático brasileiro foi escolhido por ter sido adotado em toda a rede estadual paranaense e o livro didático francês foi considerado um dos mais vendidos atualmente na França (Tocaia; Lara, 2020). Desta forma, a maneira como a língua materna é tratada nestas publicações impacta um grande número de alunos, assim sendo a análise deste material contribuirá tanto para entendermos como o ensino da língua materna é abordado na educação básica brasileira e na francesa, bem como para refletirmos sobre as diferenças existentes nos dois materiais.

A fim de melhor desenvolver o objetivo proposto, este artigo foi dividido em três seções; a primeira pretende contextualizar, ainda que sucintamente, o papel do livro didático no ensino; a segunda parte traz a comparação dos dois livros didáticos selecionados, e por último, são apresentadas as considerações finais.

2. O LIVRO DIDÁTICO E SUAS MÚLTIPLAS VOZES

O livro didático é um material muito comum em todo o ocidente, mesmo assim não é fácil defini-lo, estamos tão acostumados com ele que muitas vezes não refletimos sobre a sua importância, sobre as escolhas que ele faz e que impactam o ensino; revestido de neutralidade

[3] Tradução livre: "quem quer refletir sobre as aquisições escolares não pode abstrair sem angústia (ignorar) as condições as mais materiais de sua realização, em particular àquelas que lhe dão suporte"

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 148-167, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.148-167

e de porta-voz do conhecimento historicamente construído, ele é um velho conhecido de todos que passaram pelo sistema de ensino, no entanto nem todos conhecem a sua complexidade.

Para Choppin (2008), o próprio conceito do livro didático é complexo e recente, o que reforça a importância de compreender o seu conceito para entendermos um pouco de sua dualidade. No Brasil, os livros didáticos chegaram às escolas brasileiras em 1929 com a criação de um órgão específico para legislar sobre tal fim: o Instituto Nacional do Livro (INL), que fornecia obras didáticas para alunos das redes públicas. No entanto, o termo apareceu pela primeira vez em 1938, na Lei 1.006: "Art. 1º É livre, no país, a produção ou a importação de livros didáticos. Art. 2º Para os efeitos da presente lei, são considerados livros didáticos os compêndios e os livros de leitura de classe" (Brasil, 1938). Desde então, a nomenclatura "livro didático" é utilizada em todo o território brasileiro de maneira única.

No contexto francês, a situação é diferente, Choppin (2008, s/p) destaca que muitos termos são utilizados para se referirem a este tipo de material:

> la langue française ne connaît pas, avant la Révolution, de terme générique qui désignerait cette catégorie d'ouvrages. La situation est comparable dans les autres pays occidentaux : les livres scolaires sont longtemps présentés à leurs contemporains sous une multitude de dénominations.[4]

Para o autor, o livro didático é um material mais complexo do que se pode imaginar e a sua função muda de acordo com o contexto social, a época, a disciplina e o nível dos estudantes. O autor destaca que o livro didático/*livre scolaire* tem como função abordar os tópicos da disciplina de acordo com o nível para o qual foi elaborado e seguir as orientações/recomendações legais.

Tanto na França como no Brasil, o livro didático reflete o que se determina para a educação e que é considerado essencial para a formação dos jovens. No contexto brasileiro, para ser adotado por um sistema de ensino, o livro didático precisa se adequar às exigências do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático). Por sua vez, para que o livro possa participar do PNLD, ele deve atender ao que determina a Base Nacional Comum Curricular - BNCC. (Brasil, 2017). Na França, o programa de cada ciclo de ensino é determinado por decreto, o ciclo 3, na época de publicação da obra escolhida, era regulamentado pelo decreto 2015-372 (França, 2015). Os dois livros selecionados apresentam os saberes de acordo com as disposições legais:

[4] Tradução livre: "a língua francesa não conhecia, antes da Revolução, um termo genérico que designasse esta categoria de obras. A situação é comparável nos outros países ocidentais: os livros escolares estão presentes há um longo tempo sob múltiplas denominações".

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 148-167, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.148-167

> Dessa forma, a BNCC é referência para a organização da proposta didática e pedagógica do livro do aluno e das orientações para o professor propostas no Manual geral e no Manual em U desta coleção. (OLIVEIRA; ARAUJO, 2018, p. VII)
> Le manuel Fleurs d'Encre respecte scrupuleusement les démarches pédagogiques et didactiques prônées dans le socle commun des connaissances, compétences et de la culture, ainsi que celles du programme de cycle 3 (…)
> Les programmes étant fondés sur le socle commun des connaissances, compétences et de la culture. (France, 2015)

A complexidade deste material está associada também a sua construção:

> É nesse instante que atua o Livro Didático: colocando-se no lugar de intermediador entre o saber social e escola, o Livro Didático funciona como articulador das práticas de ensino, estabelecendo grades curriculares, procedimentos e conteúdos. (Britto, 2003, p. 155)

O LD não é um simples material utilizado pelo professor, mas é um instrumento carregado de significados e que visa atender aos currículos escolares. Nesse sentido, Bunzen (2011, p. 887) afirma que é necessário compreender que "as práticas escolares encontram-se historicamente marcadas por movimentos de permanência, rupturas, deslocamentos, sedimentação, tensão e escolhas curriculares".

No Brasil, o professor tem autonomia no processo de escolha do livro didático, mas esta autonomia é relativa, pois o docente deve escolher uma coleção dentre aquelas aprovadas pelo PNLD. Vale destacar que em alguns Estados, como no Paraná, esta escolha tem sido indireta, uma vez que é feita pela rede de ensino de forma coletiva.

Produzir um livro didático que integre o PNLD pode significar muito lucro para as editoras, por isso Terra (2019) afirma que o livro didático é polifônico, no Brasil, além da voz do autor, cuja autonomia é relativa, há outras vozes: a voz do editor, a voz dos leitores críticos (contratados pela editora), a voz dos documentos oficiais e a voz do PNLD, que faz uma leitura dos documentos oficiais.

Tal pluralidade não pode ser ignorada ao analisar o livro didático/*livre scolaire*. por isso é preciso reconhecer a sua relação com o contexto no qual está inserido. A existência do próprio livro didático/livre scolaire depende do contexto e a sua complexidade se dá devido ao número de vozes que ele deve aglutinar.

As vozes que integram o livro didático apresentam forças diferentes. No contexto francês, não há o PNLD, o professor pode escolher o livro didático/livre scolaire que desejar, no entanto essa liberdade para escolhê-lo tem as suas restrições, pois o livro didático/livre scolaire deve cumprir um programa nacional e toda mudança no programa torna as obras antigas

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 148-167, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.148-167

obsoletas. Além do programa a ser seguido, há duas avaliações nacionais que merecem destaque e que influenciam a construção destes livros: "Évaluations Nationales des Cours Elementaires e Sixième- Programme Cedre" (Chartier, 2015), e a avaliação do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), citada como um dos pressupostos para a organização do trabalho com a leitura realizado no livro: "La lecture au collège: le bilan des évaluations Pisa, CNDP, 2011[5]" (Bertagna; Carrier-Nayrolles, 2016).

No cenário francês, a produção dos livros escolares representa de 15 a 20% das edições francesas com cerca de 60 milhões de exemplares produzidos por ano, o que evidencia que é um mercado bastante lucrativo para as editoras, mesmo apresentando um montante menor do que no Brasil (Choppin, 2005). Na França, cabe a família o dever de adquirir o livro didático, salvo em casos da família ser declarada carente, nestes casos, existem associações municipais que realizam a compra:

> Cela explique tout autant le peu de considération que leur ont longtemps portée historiens et bibliophiles que les incidences du coût du papier sur la composition typographique ou encore l'introduction relativement tardive dans la littérature scolaire de certaines innovations techniques encore onéreuses (...) Ce souci de réduire les coûts a souvent conduit les éditeurs à privilégier la reproduction des textes tombés dans le domaine public, à réemployer des iconographies pour lesquelles ils ont déjà acquitté les droits. (Choppin, 2005, p. 27)[6]

Para baratear o preço do livro didático, as editoras procuram autores que sejam de domínio público, procuram imagens que não tenham direitos autorais e economizam na escolha do papel e recursos gráficos mais modestos.

O livro didático/*livre scolaire* é um material que não apenas transmite o conhecimento científico acumulado historicamente, mas que reflete as demandas sociais vigentes em determinado contexto e tem um papel importante

> Sa définition varie suivant les lieux, les époques, les supports, les niveaux et les matières d'enseignement, suivant les contextes politique, économique, social, culturel, esthétique… mais aussi, et surtout, en fonction de la problématique scientifique dans laquelle elle s'insère. Comme tout objet de recherche, le livre scolaire n'est pas une donnée, mais le résultat d'une construction intellectuelle : il ne peut donc y avoir de définition unique. (Choppin, 2008, s/p)

[5] Referência original: Depp-CNDP (2011). La lecture au collège: le bilan des évaluations PISA, Chasseneuil du Poitou: CNDP.

[6] Tradução livre: "Isso explica tanto a desconsideração que há muito os historiadores e bibliógrafos lhes deram quanto o impacto do custo do papel na composição tipográfica ou ainda a introdução relativamente tardia na literatura escolar de certas inovações técnicas ainda caras (...) Esta preocupação em reduzir os custos conduziu frequentemente os editores a privilegiarem a reprodução de textos de domínio público, a reutilizar iconografias para as quais eles já pagaram os direito...".

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 148-167, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.148-167

O livro didático/*livre scolaire* é uma construção social, por isso carrega características do contexto sociohistórico e da época na qual foi desenvolvido e no qual atua, a comparação entre dois livros didáticos de diferentes contextos nos permite compreender um pouco sobre o sistema de ensino dos dois países, quais temas estas obras abordam e quais elas excluem.

3. EIS OS LIVROS DIDÁTICOS

Há muito tempo, no meio educacional, existe a discussão sobre "o quê" e "como" ensinar, tal discussão deve obrigatoriamente levar em consideração o livro didático, uma vez que ele se tornou um artefato cultural que orienta a prática docente na maioria das escolas, tanto no Brasil como na França, e que se modifica ao longo do tempo em função do momento histórico e dos sujeitos envolvidos, muitas vezes, ele atua como um currículo a ser seguido, por isso é importante analisar como este material é construído e quais temas são abordados e relacioná-los com o contexto para o qual o livro didático foi desenvolvido.

Antes de iniciarmos a análise do livro didático em si, é importante compreender que ele está articulado a um sistema de ensino, como afirmou Choppin (2008), o livro materializa um plano de ensino articulado a um sistema educacional. No Brasil, chamamos de educação básica o período escolar que tem início com a educação infantil e termina com o ensino médio:

Quadro 01. Educação básica no Brasil- Ensino Fundamental. Ciclo II

Ensino Fundamental	Ciclo II	6. ano	11 anos
		7. ano	12 anos
		8. ano	13 anos
		9. ano	14 anos

Fonte: Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394 (Brasil, 1996)

A educação básica no Brasil compreende desde a educação infantil até o ensino médio, a obrigatoriedade da educação infantil e do ensino médio entrou em vigor apenas em 2013. O sistema educacional francês engloba a *école maternelle*, *école élémentaire*, *collège* e *lycée*, a obrigatoriedade do ensino[7] dos 06 aos 13 anos de idade foi instituída em 1882, em 1959, o

[7] Vale destacar que a frequência à escola não é obrigatória, é obrigatória uma instrução que respeite as expectativas e os controles pelo Estado. (PAZ; ROBERT, 2017)

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 148-167, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.148-167

ensino se tornou obrigatório até os 16 anos (Paz; Robert, 2017) e, em 2018, passou a ser dos 03 aos 17 anos, conforme demonstrado na tabela abaixo:

Quadro 02. Sistema educacional francês- Colégio

Collège- Colégio	Cycle 3: cycle de consolidation- Ciclo 3: ciclo de consolidação	Sixième[8] -sexto ano	11 anos
	Cycle 4: cycle des approfondissements - Ciclo 4: ciclo de aprofundamento	Cinquième - quinto ano	12 anos
		Quatrième - quarto ano	13 anos
		Troisième- terceiro ano	14 anos

Fonte: https://www.education.gouv.fr/les-grands-principes-du-systeme-educatif-9842 Data de acesso: 19 out. 2023

É possível identificar uma semelhança na estrutura do sistema de ensino dos dois países, essa semelhança se deve a influência do sistema de ensino português/europeu na construção da nossa estrutura educacional, como afirma Soares (2002), a perspectiva histórica é fundamental para compreender a estrutura do nosso ensino, das nossas instituições e a composição de cada disciplina escolar, para a autora, a escola é uma instituição burocrática.

Essa instituição burocrática, seguindo os documentos norteadores, sistematiza os conteúdos a serem trabalhados e faz isso com o auxílio do livro didático. O livro didático escolhido para esta análise compreende a mesma faixa etária de estudantes nos dois países: no Brasil, o livro é adotado no sexto ano, primeira série do ciclo II, do ensino fundamental. Na França, o livro é destinado a estudantes que estão num nível intermediário, ainda estão no ciclo 3, mas já frequentam o *collège*.

> Sixième : dernière année du cycle 3, cycle de consolidation
> La classe de 6e doit permettre aux élèves de s'adapter à l'organisation et au cadre de vie du collège, ainsi que d'assurer la continuité des apprentissages entrepris dans les deux premières années du cycle dans les classes de CM1 et de CM2.

[8] La scolarité au collège comporte quatre années : la 6e, la 5e, la 4e et la 3e.
La scolarité obligatoire est organisée en cycles de trois ans, qui donnent le temps nécessaire pour mieux apprendre. Au collège la sixième est la dernière année du cycle 3, les autres niveaux constituent le cycle 4.

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 148-167, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.148-167

> Une attention particulière est portée à l'accueil des élèves et à leur adaptation à l'enseignement secondaire. (França, 2023)

Uma vez compreendido que os dois livros didáticos atendem a estudantes da mesma idade e que ambos estão articulados ao sistema de ensino, iniciaremos a nossa análise.

O livro didático brasileiro, doravante LD1, é dividido em 4 unidades com temáticas diferentes, em cada uma delas há tópicos destinados ao estudo do texto, ao estudo da língua e à produção textual, quer seja escrita, quer seja oral, os textos presentes na obra transitam entre os diferentes campos de atuação da vida cotidiana dos estudantes e os diversos gêneros recomendados para a série:

> O trabalho com a leitura na coleção possibilita ao aluno entrar em contato com uma diversidade de textos interessantes de variados gêneros. Cada capítulo apresenta uma quantidade significativa de textos que se relacionam com a temática. Por meio da comparação dos aspectos estruturais, das linguagens e dos recursos utilizados, espera-se que os alunos consigam diferenciar os diversos gêneros, transferindo estes conhecimentos para as próprias produções. (Oliveira; Araújo, 2018, p. XIV)

Cada unidade do livro apresenta dois capítulos, totalizando oito capítulos com uma estrutura semelhante a esta: Para começo de conversa/ Prática de leitura 1-Trocando ideias/ Prática de leitura 2 -Trocando ideias/ Reflexão sobre o uso da língua 1/ Prática de leitura 3 - Trocando ideias/ Conversa entre textos/Reflexão sobre o uso da língua 2/Prática de leitura 4/Na trilha da oralidade/Produção de texto/Ampliando horizontes/Preparando-se para o próximo capítulo.

Por sua vez, o livro didático francês, doravante LD2, é organizado em duas partes separadas: uma destinada ao estudo do texto ("Textes") e outra destinada ao estudo da língua ("Langue"). A parte destinada ao estudo do texto trabalha com a leitura, a partir dos gêneros literários:

> Chaque chapitre est problématisé afin de répondre aux enjeux littéraires et de formation personnelle qui figurent dans le programme.
> Les notions de genre et d' histoire littéraire qui se manifestent dans les programmes dans la colonne 'Indications de corpus' sont très présentes dans le manuel qui cherche à apporter à tous les élèves une riche culture littéraire et artistique. (Bertagna; Carrier, 2016, p. 09)[9]

[9] Tradução livre: "Cada capítulo é problematizado a fim de responder às questões de formação literária que figuram no programa. As noções de gênero e de história literária que se manifestam no programa na coluna "Indicação do corpus" estão bastante presentes no livro que procura trazer a todos os alunos uma rica cultura literária e artística"

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 148-167, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.148-167

Na parte destinada ao estudo do texto, há uma seção que aborda saberes da "língua" - léxico, gramática e ortografia - com o objetivo de ajudar o estudante na produção textual.

No LD2, os capítulos que se dedicam ao estudo do texto apresentam os seguintes títulos: Je m'interroge et je m'informe sure… (Eu me interrogo e eu me informo corretamente)/Lire, comprendre, interpréter (Ler, compreender, interpretar)/Je pratique l'oral (Eu pratico a oralidade)/ Organizer le travail d'écriture (Organizar o trabalho de escrita)/ Je construis mon bilan (Eu construo a minha síntese)/ J'évalue mes compétences (Eu avalio minhas competências)/ Les ateliers - 3 em toda a obra (Os atêliers)/ Les parcours - 3 em toda a obra (Os percursos).

O LD2 não enfatiza o trabalho com os gêneros da vida cotidiana, também não há uma ênfase na estrutura dos gêneros, os textos selecionados para os dois livros são de natureza bastante diferente, na França, os estudantes do 6o. ano estão lendo Rousseau, Ovídio, Homero, Apollinaire, Prévert, Verlaine, Renart, entre outros.

Neste artigo, é inviável abordar o trabalho realizado pelos dois livros em todas as unidades apresentadas, no entanto, para poder evidenciar o trabalho proposto pelos dois materiais, escolhemos a unidade 1 e o seu trabalho com a leitura em ambos os livros.

Quadro 03. Estrutura da unidade 1

<table>
<tr><td colspan="3">LD1
I- Ser e Descobrir-se
Objetivo: refletir sobre a temática da identidade</td><td colspan="3">LD2
I - Le monstre dans le conte et légendes
Objetivo: problematizar a relação entre monstro e herói</td></tr>
<tr><td colspan="3">1. Quem é você?</td><td colspan="3">1. Des contes et leurs leçons de vie</td></tr>
<tr><td>Textos</td><td>Autores</td><td>Gêneros</td><td>Textos</td><td>Autores</td><td>Gêneros</td></tr>
<tr><td>Velázquez</td><td>R.Cunha</td><td>tela</td><td>Le Vaillant Petit Tailleur -Integral</td><td>J.et W.Grimm</td><td rowspan="2">conto maravilhoso</td></tr>
<tr><td>O Menino no Espelho</td><td>F. Sabino</td><td>romance</td><td>La Belle et la Bête -Integral</td><td>Leprince de Beaumont</td></tr>
</table>

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 148-167, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.148-167

Nasce uma menina	C. Lamb e M. Yousafzal	autobiografia	Arbre à monstres	É.Wilwerth	
Prefeitura de São Paulo	J. P. Paes	biografia	Le Vaillant Petit Tailleur	Mazan	Bande Dessinée[10]
2. Aprendendo a ser poeta			2. Le loup… et autres monstres légendaires		
A incapacidade de ser verdadeiro	C. Drummond de Andrade	conto	Le Loup	E. Rousseau	conto maravilhoso
Identidade	P. Bandeira	poema	Lycaon, Métamorphoses	Ovide	
Diversidade	T. Belinky	poema	Le Galoup	J.L. Marcastel	
Xadrez	S. Capparelli e A.C. Gruszynski	poema visual	Le Petit Chaperon Rouge -Integral	Ch. Perrault	
			Le Loup et l'Agneau	J. de La Fontaine	
			Le Loup au Tribunal	Z. Petan	
			Le Prédateur	P. Melan	Dessin humoristique[11]
Fonte: Oliveira; Araujo (2018)			Fonte: Bertagna; Carrier-Nayrolles (2016)		

[10] A estrutura do gênero não foi explorada.
[11] A estrutura do gênero não foi explorada.

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 148-167, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.148-167

Para melhor compreender as escolhas realizadas pelos dois livros, focaremos em dois pontos: a natureza do texto trabalhado e o tipo de atividade proposta. O primeiro aspecto se refere ao gênero dos textos selecionados, a intenção é relacionar estas escolhas aos documentos oficiais que regulamentam os saberes escolares nos dois países. O segundo aspecto pretende abordar o enunciado/objetivo das atividades apresentadas, a partir da contribuição de Marcuschi (2005), que analisa estes enunciados, o que permite vislumbrar um ideal de leitor.

Os dois livros discutem as temáticas propostas através de textos, no entanto, fazem isto de maneiras diferentes: no 'Sumário' do LD1 aparece em destaque o gênero do texto que será trabalhado, em menor ênfase aparece o título da obra, isso reflete uma certa preocupação em atender aos múltiplos gêneros indicados na BNCC.

É possível identificar também que no LD1 há uma variedade de gêneros: seis, cujos autores são do século XX. Outro ponto que merece destaque é que as obras são lidas através de fragmentos -exceto o poema- o fragmento mais completo foi "O Menino no Espelho" que ocupou uma lauda e meia.

Estimular uma leitura fragmentada não é positivo, a maneira como o livro didático apresenta a leitura interfere no tipo de leitor que se deseja formar, desta forma é possível destacar que o LD1 ao abordar uma diversidade de gêneros de diferentes campos de atuação secundariza a leitura do texto literário, o que é condizente com a própria BNCC, nela o papel da literatura é secundário. No documento, a literatura faz parte do campo artístico-literário, o que no discurso parece "interessante", mas na prática é algo problemático, porque minimiza a presença do texto literário, uma vez que dos quatro campos de atuação, ela é uma parte de um deles[12].

Britto (2003) corrobora com essa afirmação e enfatiza que a leitura proposta no livro didático, muitas vezes, incentiva a submissão do leitor, para Britto é preciso compreender "a leitura como uma prática social inscrita nas relações histórico-sociais, não havendo nela nada intrinsecamente ético" (p. 151), o hábito da leitura deve ser construído e a escola tem um papel fundamental nesta construção, uma vez que "o leitor se define em função (…) de seu acesso aos bens da cultura letrada e aos códigos e valores inscritos neste universo" (p. 152), a escola

[12] Na BNCC, os campos de atuação são esferas nas quais as práticas de linguagem acontecem. O documento apresenta quatro campos de atuação: Campo artístico-literário; Campo das práticas de estudo e pesquisa; Campo jornalístico- midiático; Campo de atuação na vida pública. Nestes campos, circulam diversos gêneros.

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 148-167, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.148-167

deve propiciar este acesso e ir além disso, a escola deve construir - ou incentivar a construção- do hábito de leitura.

> A estruturação dos livros didáticos – mesmo daqueles que se pretendem inovadores – resulta de uma concepção de ensino que supõe uma aula padronizada em unidades tipificadas, com exposição do conteúdo através de definições ostensivas, da exposição de informação factual e da apresentação de quadros e modelos paradigmáticos, seguidas sempre de exercícios de "fixação", tudo supostamente conduzindo à acumulação dos "conteúdos". (...)" (Britto, 2003, p. 155)

Para Geraldi (2016), há uma ausência- ou "diminuição" - de conteúdos científicos, artísticos, literários e filosóficos específicos na BNCC, o que impacta o ensino e o livro didático negativamente, essa preferência por determinados saberes não é neutra: algo foi escolhido e algo foi excluído, no caso da disciplina de português, o excesso de gêneros a serem abordados tende a trazer a superficialidade, para o autor o secundário está "roubando" espaço do essencial, cabe à disciplina do 6º ano trabalhar com 26 gêneros[13]. Conforme Geraldi, a valorização dos gêneros do cotidiano é problemática, pois a escola não pode ficar presa somente aos gêneros de uso comum aos estudantes, ela precisa apresentar o novo- trabalhar com os gêneros da esfera literária.

Britto corrobora com essa afirmação, para o autor, o trabalho com gêneros do cotidiano ou fragmentos forma um leitor também acostumado com um grau de dificuldade reduzido, para Britto, a leitura cotidiana depende de uma competência mínima do leitor "quase decodificação" (2003, p. 153), ao privilegiar esta abordagem, o LD1 deixa de cumprir o seu papel na formação do leitor.

O LD1, ao fazer a mediação entre o parâmetro legal- BNCC- e a sala de aula incorpora as suas lacunas e atribui pouco espaço para a literatura, proporcionando um esvaziamento curricular e a valorização do saber prático - "as competências"- muitas vezes voltadas para o mercado de trabalho, consequentemente desvalorizam o saber teórico e os conhecimentos que não sejam valorizados pela sociedade capitalista. É importante destacar que não se trata de supervalorizar a teoria, mas compreender o ensino como uma articulação entre teoria e prática, enfatizar um dos eixos significa diminuir a importância do outro. Não é um problema formar para o mercado de trabalho, mas é problemático para a construção de uma sociedade justa formar um cidadão passivo que ocupará um papel reprodutor na estrutura social.

[13] Dado obtido através da contagem de palavras, tendo como base somente o rol de conteúdos previstos para o sexto ano na BNCC.

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 148-167, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.148-167

Vale destacar que na França, também há documentos que regulamentam os conteúdos escolares, como o decreto 2015-372, coincidentemente tanto o decreto citado como a BNCC estão baseados no desenvolvimento de competências juntamente com o lema aprender a aprender: "Ce domaine a pour objectif de permettre à tous les élèves d'apprendre à apprendre" (França, 2015), o que não causa estranhamento, uma vez que Perrenoud é um autor francês bastante popular no ocidente, que teve financiamento do Banco Mundial, e tem difundido a pedagogia das competências por diversos países (Duarte, 2001).

Os dois livros apresentam pontos de convergência com a pedagogia das competência, mas na prática, fazem um uso diferente desta teoria. Para Britto (2003), a área de português, na BNCC, recebeu muitos "remendos" que desviaram o seu objetivo e contribuíram para o esvaziamento curricular, atribuir ao professor a tarefa de ensinar a criar blogs, vlogs, spots, vídeos, podcasts, memes - dentre outros- secundarizou o que era importante, vale destacar que a própria disciplina de português integra uma área do conhecimento denominada "Linguagens e Tecnologias". No cenário francês, a tecnologia é trabalhada numa disciplina específica para este fim.

No LD1, o primeiro contato do aluno com o sexto ano, acontece através de um quadrinho do Menino Maluquinho, sobre o quadrinho são feitas oito questões, das quais quatro têm respostas pessoais, o objetivo da leitura e das atividades é apresentar de forma lúdica a questão da identidade.

Após as questões do texto inicial, o texto base da unidade é apresentado, trata-se de uma pintura de Rodrigo Cunha sobre a qual são feitas oito questões, das quais cinco demandam respostas pessoais -1,2,4,5 e 6- duas solicitam a descrição do que é visto - 1 e 3- e uma busca compreender a obra e a sua relação com o autor- questão 2. Eis as atividades propostas para a interpretação do texto base- LD1 apresentadas antes do texto (Oliveira; Araujo, 2018, p. 15):

> 1. Para você, o que é uma obra artística? Dê exemplo de alguma obra de arte que você conhece.
> 2. Você sabe o que é um autorretrato? O que essa palavra significa?
>
> Após o texto base, encontramos as seguintes atividades:
> 1. O que você vê representado na tela da página anterior?
> 2. Pela imagem, podemos deduzir se o artista está sério ou à vontade: se é jovem, triste, calmo etc?
> 3. Na imagem, há elementos estáticos, parados, e outros que revelam movimento, atividade. Quais são?
> 4. Você gostou do quadro?
> 5. Que impressões ou sensações as cores escolhidas pelo artista lhe sugerem?
> 6. Na tela, aparece parcialmente o nome de outro pintor: Velázquez. Em sua opinião, por que o autor da tela dá esse nome a sua obra?

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 148-167, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.148-167

Das 8 questões propostas, é possível afirmar que apenas uma- a segunda questão 2- busca promover uma reflexão um pouco mais densa sobre a imagem e a sua significação. Vale destacar que a questão 3, embora aborde a questão da leitura da imagem, não ultrapassa o nível formal e não apresenta uma articulação entre as opções formais com o contexto de produção.

O LD2 se estrutura de um modo diferente, o título desta seção é marcado por três verbos de ação no infinitivo: “Lire, comprendre, interpréter"[14].

A unidade começa com algumas imagens e 03 questões iniciais, após estas questões que visam preparar o aluno para a temática da unidade, o livro apresenta a etimologia da palavra “monstre” para em seguida propor uma atividade que evidencie as alterações de significado ao longo do tempo. Em seguida, o LD2 apresenta algumas informações sobre os autores que serão trabalhados na unidade, após estas informações sobre os autores e as obras, o aluno é apresentado ao texto original e na íntegra: ‘Le Vaillant Petit Tailleur’ - O Alfaiate Valente[15]. O texto é distribuído em nove páginas e seis partes, com ilustrações do livro original e de uma edição russa de 1967. As questões propostas alternam diferentes graus de formalidade e de reflexão sobre o texto, ao todo, são apresentadas 29 atividades sobre o texto. Para Marcuschi (2005), o tipo de atividade proposta pelo material didático diz muito sobre a maneira como a leitura é trabalhada, para o autor as atividades podem propor:

1) Auto Resposta: são perguntas auto respondidas pela própria formulação da atividade;

2) Cópia: são perguntas que sugerem atividades mecânicas de transcrição de frases ou palavras;

3) Objetivas: São perguntas cujas respostas centram-se exclusiva e objetivamente no texto, o estudante pode responder com as suas palavras, mas a resposta está explícita no texto- pronta;

4) Inferenciais: são perguntas mais complexas, exigem conhecimentos textuais e análise crítica na busca de respostas;

5) Globais: são perguntas que levam em conta o texto, aspectos extratextuais e inferência;

6) Subjetivas: são perguntas que se relacionam superficialmente ao texto e deixam a resposta por conta do aluno, não há como testar a validade delas;

[14] Tradução livre: Ler, compreender, interpretar

[15] Versão brasileira adaptada disponível em: https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/conta-pra-mim/livros/versao_digital/o_alfaiate_valente_versao_digital.pdf

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 148-167, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.148-167

7) Vale-tudo: são perguntas que admitem qualquer resposta, e a ligação com o texto é mero pretexto que não embasa a resposta, muitas vezes, é possível responder sem realizar a leitura proposta;

8) Impossíveis: são perguntas que exigem conhecimentos externos ao texto e só podem ser respondidas com base em conhecimentos enciclopédicos;

9) Metalinguísticas: são perguntas que indagam sobre questões formais do texto.

Destas nove possibilidades, algumas têm um potencial maior para o desenvolvimento do leitor, como as inferenciais e as globais, no livro didático francês há um número maior de questões sobre o texto base da unidade:

Tabela 01. atividades propostas a partir do texto base

LD1 Texto Base	LD2 Texto Base
08 atividades 2 Antes do texto 6 Após o texto base	29 atividades Distribuídas antes do texto, durante o texto e após o texto
Destas 8 atividades: 1 pode ser classificada como global/inferencial	Destas 29 atividades: 6 podem ser classificadas como global/inferencial
Fonte: Oliveira; Araujo (2018)	Fonte: Bertagna; Carrier-Nayrolles (2016)

Nos dois materiais prevalecem questões objetivas- algumas com ênfase na cópia, outras não, as questões metalinguísticas também são bastante comuns. Vale destacar, que no LD2, a questão do ensinamento moral esteve presente tanto nas questões como na escolha do texto a ser trabalhado em sala de aula de maneira explícita, o próprio didático apresenta o texto base "Le Vaillant Petit Tailleur" como um conto moral- "Un Conte Moral" (Bertagna; Carrier-Nayrolles, 2016, p. 28).

As semelhanças no discurso não impediram que os livros didáticos fossem construídos de modo diverso, o que se deve a centralidade do texto literário, na França, o decreto 2015-372 traz o trabalho com os textos literários como central: "dans le cadre de sorties scolaires culturelles, des œuvres littéraires et artistiques appartenant au patrimoine national et mondial comme à la création contemporaine" (França, 2015), o que acarreta na construção de um livro

didático com focos diferentes: o LD2 opta por textos da esfera literária, alguns deles na íntegra, em todo o programa de língua materna aparecem duas vezes a palavra gênero, ambas associadas ao trabalho com os gêneros literários:

> ● de la participation constructive à des échanges oraux, à des débats — en particulier pour comprendre et interpréter des textes littéraires …
> ● identifier les genres littéraires comme grandes catégories (poésie, théâtre, récit…) à partir de leurs principales caractéristiques.
> ● identifier les genres littéraires comme grandes catégories (poésie, théâtre, récit…) à partir de leurs principales caractéristiques. (França, 2016)

Para Tocaia e Lara (2020, p. 3), ao analisarem outros livros desta coleção, afirmam que o percurso temático pode ser melhor compreendido analisando a coleção completa dos livros didáticos:

> Um exame atento dos livros didáticos da coleção escritos para as outras séries do ensino fundamental e também de outros livros didáticos para o ensino de francês como língua materna mostra o mesmo rigor com o trabalho literário, cabendo à literatura o ponto de partida para todas as atividades didático-pedagógicas das unidades. Isso nos leva a crer que se trata de um núcleo invariante do livro didático para o ensino do francês língua materna, o que corporifica uma visão de mundo daquela cultura.

Há uma preocupação com a cultura humanista e clássica em detrimento dos discursos midiáticos e/ou capitalistas. No programa de língua materna não há referência ao trabalho com tecnologia, pois há uma disciplina específica para este fim, intitulada "Technologie au collège" [16], cabe a disciplina de língua materna saberes oriundos da área, que envolvem literatura, escrita, gramática, ortografia e léxico. Na disciplina de tecnologia, os estudantes elaboram diferentes gêneros atrelados à tecnologia e estes trabalhos são publicizados no site da escola/do sistema de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo é fruto de uma pesquisa que teve como foco apontar algumas semelhanças e diferenças entre os dois materiais analisados e, consequentemente, no ensino da língua materna nos dois países. Esta comparação não tem a pretensão de esgotar a temática uma vez que se detém apenas em alguns aspectos do livro didático enquanto material que instrumentaliza determinados tópicos de ensino. O artigo não abrange a complexidade da sala de aula, nem do fazer prático do docente ao lidar com o livro didático.

[16] Tradução livre: Tecnologia no colégio

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 148-167, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.148-167

Como pontos de intersecção podemos evidenciar que os dois livros didáticos foram elaborados a partir da pedagogia das competências e afirmam trabalhar de forma interdisciplinar os conteúdos propostos, vale destacar que os dois estão sujeitos às orientações legais dos países, a BNCC, no caso do LD1 e o decreto 372 (2015), no LD2, tais documentos apresentam pontos de divergência que se concretizam nos livros analisados: os documentos oficiais franceses privilegiam o trabalho com a literatura e os gêneros da esfera literária.

No que se refere ao aspecto metodológico, sem ignorar os pontos de semelhança entre os dois materiais, é possível afirmar que eles apresentam diferenças que merecem destaque, no LD2, os textos selecionados para o eixo da leitura pertencem à esfera literária, em sua maioria, os textos datam do século XIX e XX e valorizam o contato dos estudantes com os clássicos literários e com uma abordagem mais humanista. Muitos textos são trabalhados de forma integral no LD2, ainda assim no manual do professor é pedido que os estudantes leiam um livro paradidático relacionado à temática desenvolvida na unidade, há um número extenso de atividades a serem desenvolvidas sobre cada texto. Embora o número de atividades seja diferente nas duas obras, um ponto de convergência entre os dois livros são as atividades propostas no eixo leitura, elas privilegiam a decodificação e a compreensão linear do texto com poucas questões que busquem explorar a questão texto-contexto, no LD2 há mais questões consideradas inferenciais do que no LD1.

Os dois livros refletem diferentes concepções de ensino, o LD1 contribui para a inserção do estudante na multiplicidade de gêneros que permeiam a vida moderna, com pouco espaço para cada um, o que favorece uma visão mais superficial da leitura, ao final do sexto ano, o estudante não terá contato com a literatura. O LD2 fomenta o trabalho com a literatura de maneira densa, tenta garantir o contato do estudante com autores considerados clássicos tanto da área da literatura como da filosofia, com atividades mais "tradicionais", o que representa uma resistência ao discurso da modernidade.

REFERÊNCIAS

BERTAGNA, Chantal; CARRIER-NAYROLLES, Françoise. **Fleurs d'Encre:** Cycle 3- 6e. Paris: Editora Hachette Éducation, 2016.

BRASIL. **Decreto-Lei n. 1.006, de 30 de dezembro de 1938**. Estabelece as condições de produção, importação e utilização do livro didático. Brasília: 1938. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1006-30-dezembro-1938-350741-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em 19 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional,

para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília: MEC, 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm. Acesso em: 19 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em 19 abr. 2023.

BRITTO, Luiz Percival Leme. O Leitor Interditado. In: **Contra o consenso**. Cultura escrita, educação e participação. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
BUNZEN, Clecio. A fabricação da disciplina escolar Português. **Revista Diálogo Educacional**, v. 11, n. 34, p. 885-911, 2011. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/4513/4447. Acesso em: 09 mar. 2023/

CHARTIER Anne-Marie. Un dispositif sans auteur: cahiers et classeurs à l'école primaire, **Hermès, La Revue**, n. 25, p. 207-218, 1993/3. DOI : 10.4267/2042/14988. URL : https://www.cairn.info/revue-hermes-la-revue-1999-3-page-207.htm. Acesso em: 19 abr. 2023.

CHARTIER, Anne-Marie, RENARD, Patricia. Cahiers et classeurs: les supports ordinaires du travail scolaire. In: **Repères, recherches en didactique du français langue maternelle**, n. 22, 2000. Les outils d'enseignement du français. p. 135-159; doi : https://doi.org/10.3406/reper.2000.2347 https://www.persee.fr/doc/reper_1157-1330_2000_num_22_1_2347. Acesso em: 19 abr. 2023.

CHARTIER Anne-Marie. La logique des compétences dans l'histoire de la lecture scolaire, **Le français aujourd'hui**, n. 191, p. 97-112, 2015/4. DOI : 10.3917/lfa.191.0097. URL : https://www.cairn.info/revue-le-francais-aujourd-hui-2015-4-page-97.htm. Acesso em: 19 abr. 2023.

CHOPPIN, Alain. L'édition scolaire française et ses contraintes: une perspective historique. **Manuels scolaires, regards croisés**, p. 39-53, 2005. Disponível em: http://eda.recherche.parisdescartes.fr/wp-content/uploads/sites/6/2019/03/1_1_Choppin.pdf. Acesso em: 19 abr. 2023.

CHOPPIN, Alain. Le manuel scolaire, une fausse évidence historique. **Histoire de l' Éducation**, p. 7-56, 2008. Disponível em: https://doi.org/10.4000/histoire-education.565. Acesso em: 19 abr. 2023.

DUARTE, Newton. As pedagogias do" aprender a aprender" e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento. **Revista Brasileira de Educação**, 2001, p. 35-40. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/KtKJTDHPd99JqYSGpQfD5pj/?lang=pt. Acesso em: 19 abr. 2023.

FRANÇA. **Decreto 2015-372**, Code de l'éducation. 2015. Disponível em: https://www.legifrance.gouv.fr/codes/id/LEGIARTI000038895266/2019-09-02. Acesso em: 19 out. 2023.

FRANÇA. **Decreto n° 2019-824**. Code de l'éducation. 2019. Disponível em: https://eduscol.education.fr/cid86943/le-socle-commun.html. Acesso em: 19 out. 2023.

FRANÇA. Ministère de l' Education nationale et de la Jeunesse. **Compétences du socle**. Cycle 3. Ministère de l'Éducation nationale, de l'Enseignement supérieur et de la Recherche. 2016. Disponível em: https://eduscol.education.fr/document/16531/download. Acesso em: 19 out. 2023.

FRANÇA. Ministère de l' Education nationale et de la Jeunesse. **Les grands principes du système éducatif**. 2023. Disponível em: https://www.education.gouv.fr/les-grands-principes-du-systeme-educatif-9842. Acesso em: 19 out. 2023.

GERALDI, João Wanderley. O ensino de língua portuguesa - e a Base Nacional Comum Curricular. **Retratos da Escola**, [S. l.], v. 9, n. 17, 2016. DOI: 10.22420/rde.v9i17.587. Disponível em: https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/587 . Acesso em: 6 fev. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed.. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Compreensão de texto: algumas reflexões. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **O livro didático de português:** múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

OLIVEIRA, Tania Amaral; ARAUJO, Lucy Aparecida Melo. **Tecendo Linguagens**. 6. ano, 2018, Editora IBEP

OTA, Ivete Aparecida da Silva. O livro didático de língua portuguesa no Brasil. **Educar em Revista**, n. 35, 2009 Disponível em:. https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/13607. Acesso em: 09 fev. 2023.

PAZ, Fábio Mariano; ROBERT, André D. História e Organização do Sistema Educativo Francês: Da Escola Maternal À Universidade. **Revista Práxis Pedagógica**, v. 1, no 2, p. 105-126, 2018. Disponível em: https://feata.edu.br/downloads/revistas/avessodoavesso/v15_artigo02_historia.pdf. Acesso em: 19 out. 2023.

TERRA, Ernani. A construção de sentido em enunciados de atividades em livros didáticos. **Estudos Semióticos**, v. 15, n. 2, p. 262-279, 2019. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/159966. Acesso em: 09 fev. 2023.

TOCAIA, Luciano Magnoni; LARA, Glaucia Muniz Proença. Um olhar semiótico sobre livros didáticos para o ensino de língua materna no Brasil e na França. **Estudos Semióticos**, v. 16, n 1, p. 138-156, 2020. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/172324/168118#info. Acesso em: 09 fev. 2023.

RFI. Radio France Information. France Médias Monde. **França torna ensino público obrigatório a partir dos 3 anos na escola maternal**. Data de publicação: 27/03/2018. Disponível em: https://www.rfi.fr/br/franca/20180327-franca-torna-ensino-publico-obrigatorio-partir-dos-3-anos-na-escola-maternal. Acesso em: 09 fev. 2023.

SOARES, Magda. Português na escola: história de uma disciplina curricular. In.: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 155-177.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso:** planejamento e métodos. 2. ed.. Bookman, 2010.

Artigo recebido no 2º semestre de 2023.
Artigo aceito no 2º semestre de 2023.